

MYSTIC RIVER

DENNIS LEHANE

Traduzido do inglês por
Mário Dias Correia

SEXTANTE TOP



Índice

Agradecimentos 9

PARTE I Os rapazes que escaparam aos lobos (1975)

1. Os Flats e o Point 15
2. Quatro dias 34

PARTE II Sinatras de olhos tristes (2000)

3. Lágrimas nos cabelos dela 51
4. Já quase não saio 66
5. Cortinas cor de laranja 80
6. Porque está partido 94
7. No sangue 107
8. Old MacDonald 123
9. Homens-rãs no Pen 135
10. Provas 146
11. Chuva vermelha 154
12. As cores de ti 166

13. Luzes 182
14. Nunca mais volto a sentir o mesmo 198

PARTE III Anjos dos silêncios

15. Um homem perfeito 225
16. Também gostei de te ver 239
17. Uma olhadela 255
18. Palavras que ele em tempos soube 273
19. O que eles tinham planeado ser 290
20. Quando ela voltar a casa 310
21. Duendes 324

PARTE IV Aburguesamento

22. O peixe caçador 339
23. Little Vince 353
24. Uma tribo banida 371
25. O rapaz do porta-bagagens 390
26. Perdido no espaço 403
27. Quem é que tu amas? 421

EPÍLOGO Jimmy Flats – Domingo

28. Nós guardamos-te um lugar 441

1

Os Flats e o Point

Quando Sean Devine e Jimmy Marcus eram garotos, os pais de ambos trabalhavam na fábrica Coleman Candy e levavam para casa o cheiro do chocolate quente. Um cheiro que acabara por tornar-se uma característica permanente das roupas que vestiam, das camas onde dormiam, dos bancos forrados a vinil dos carros que conduziam. A cozinha de Sean cheirava a Fudgsicle, a casa de banho a Coleman Chew-Chew Bar. Aos onze anos, Sean e Jimmy tinham criado uma aversão tão absoluta aos doces que nunca mais na vida beberam café com açúcar ou tocaram numa sobremesa.

Aos sábados, o pai de Jimmy passava por casa dos Devine para beber uma cerveja com o pai de Sean. Levava o filho com ele, e enquanto uma cerveja se transformava em seis, mais dois ou três tragos de Dewar's, Jimmy e Sean brincavam no quintal das traseiras, por vezes com Dave Boyle, um miúdo que tinha pulsos de rapariga e olhos fracos e estava sempre a contar anedotas que aprendia com os tios. Através da rede da janela da cozinha, ouviam o silvo que as latas de cerveja faziam ao serem abertas e o pesado bater metálico das tampas dos Zippos quando Mr. Devine e Mr. Marcus acendiam os seus Lucky's.

O pai de Sean, um capataz, tinha o melhor emprego. Era alto e louro, com um sorriso solto e fácil que Sean vira muitas vezes acalmar as fúrias da mãe, desligando-as como se, dentro dela, alguém tivesse rodado um interruptor. O pai de Jimmy carregava os camiões. Era baixo, os cabelos escuros caíam-lhe emaranhados para a testa e havia nos olhos dele qualquer coisa que parecia estar sempre a mexer. Tinha uma curiosa maneira de se mover demasiado depressa;

uma pessoa piscava os olhos e já ele estava do outro lado da sala. Dave Boyle não tinha pai, apenas montes de tios, e a única razão por que estava geralmente presente naqueles sábados era o facto de ter uma espécie de dom para colar-se a Jimmy como estopa a serapilheira. Via-o sair de casa com o pai, aparecia ao lado do carro, meio ofegante, e perguntava «Como é que é, Jimmy?», com um ar de tristonha expectativa.

Viviam todos em East Buckingham, do lado oeste da Baixa, uma zona de lojas de esquina atafalhadas de coisas, pequenos espaços de recreio e talhos onde as peças de carne, ainda rosadas de sangue, se mostravam na montra, suspensas de ganchos. Os bares tinham nomes escoceses e *Dodges Dart* estacionados junto ao passeio. As mulheres usavam lenços de cabeça atados na nuca e pequenas bolsas de imitação de couro para transportar os cigarros. Até um par de anos antes, os rapazes mais velhos tinham sido pescados das ruas, como que por naves espaciais, e mandados para a guerra. Voltavam, ocios e sombrios, um ano mais tarde, ou então pura e simplesmente não voltavam. De dia, as mães procuravam nos jornais cupões de desconto. À noite, os pais iam aos bares. Toda a gente se conhecia; nunca ninguém, exceto os tais rapazes mais velhos, se ia embora.

Jimmy e Dave moravam nos Flats, junto ao Penitentiary Channel, no lado sul de Buckingham Avenue. Apenas a doze quarteirões da rua de Sean, mas os Devine viviam a norte da avenida, no Point, e o Point e os Flats não se misturavam muito.

Não que o Point refulgisse de ruas pavimentadas a ouro e berços de prata. Era apenas o Point, classe operária, *Chevys* e *Fords* e *Dodges* estacionados diante de casas simples, de fachadas triangulares, com uma ou outra vitoriana pelo meio. Mas, no Point, as pessoas eram proprietárias. Nos Flats, eram inquilinas. As famílias do Point iam à igreja, mantinham-se juntas, punham bandeirolas nas esquinas das ruas nos meses de eleições. Nos Flats, sabia-se lá o que faziam, vivendo às vezes como animais, aos dez num apartamento, com lixo pelas ruas – Wellieville¹, chamavam-lhe Sean e os

1 Referência às galochas de borracha (*wellies*) usadas nos matadouros, estaleiros e outros locais de trabalho por uma classe operária indiferenciada. (*N. do T.*)

amigos de Saint Mike's, famílias que viviam do subsídio de desemprego, mandavam os filhos para escolas públicas e se divorciavam. Assim, enquanto Sean frequentava a Saint Mike's Parochial, de calças pretas, gravata preta e camisa azul, Jimmy e Dave frequentavam a Lewis M. Dewey School, em Blaxston. Os miúdos da Looey & Dooley usavam roupas de sair, o que era porreiro, mas quase sempre as mesmas toda a semana, o que já não era. E havia neles uma espécie de aura gordurosa: cabelos gordurosos, peles gordurosas, colarinhos e punhos gordurosos. Muitos dos rapazes tinham marcas de acne na cara e nunca chegavam a acabar o liceu. Algumas das raparigas apareciam na festa de fim de curso com vestidos de grávida.

Por isso, se não fossem os pais, provavelmente nunca teriam sido amigos. Durante a semana, nunca andavam juntos, mas tinham aqueles sábados, e havia qualquer coisa naqueles dias, quer ficassem pelo pátio das traseiras quer deambulassem pelos depósitos de areão junto a Harvest Street, ou se metessem no metropolitano até à Baixa – não para ver fosse o que fosse, só para passar pelos túneis escuros e ouvir o matraquear das rodas e o chiar dos travões das carruagens quando curvavam nos carris e as luzes a acender e a apagar numa rápida sucessão –, que fazia lembrar a Sean uma respiração contida. Com Jimmy, tudo podia acontecer. Se tinha consciência da existência de regras – no metropolitano, nas ruas, no cinema –, ninguém o diria.

Certa vez, estavam na gare de South Station, a atirar uma bola de hóquei de rua, cor de laranja, e Jimmy falhara o lançamento de Sean, e a bola, a saltitar, rolara para os carris. Antes que passasse pela cabeça de Sean que Jimmy pudesse pensar sequer nisso, já ele tinha saltado para a linha, onde havia os ratos e as ratazanas e o terceiro carril.

As pessoas que estavam na gare entraram em órbita. Gritaram com ele. Uma mulher pôs-se cor de cinza de charuto enquanto se ajoelhava no chão e berrava, Volta para aqui, volta *já* para aqui, raios! Sean ouviu um ribombar espesso, que tanto podia ser um comboio a entrar no túnel em Washington Street como os camiões a passarem na rua lá em cima, e as pessoas que estavam na gare também o ouviram. Começaram a esbracejar e a olhar para todos

os lados, à procura de um polícia. Um tipo tapou os olhos da filha com o braço.

Jimmy agachou-se, espreitando para a escuridão debaixo da plataforma à procura da bola. Encontrou-a. Limpou uma mancha negra de sujidade com a manga da camisa e ignorou as pessoas de joelhos ao longo da linha amarela, de mãos estendidas.

Ao lado de Sean, Dave deu-lhe uma cotovelada e assobiou para dentro, demasiado alto.

Jimmy caminhou pelo meio dos carris até aos degraus na extremidade mais distante da gare, onde o túnel abria a goela escancarada e negra, e um ribombar mais alto fez estremecer a estação, e as pessoas puseram-se aos saltos, a bater com os punhos nas coxas. Jimmy não se apressou, parecia até andar a passear, e então olhou por cima do ombro, encontrou os olhos de Sean e sorriu.

– Está a sorrir – disse Dave. – O tipo é chalado, sabias?

Quando Jimmy chegou ao primeiro degrau de cimento, várias mãos se estenderam para ele e o puxaram para cima. Sean viu-lhe os pés rodarem em arco para a esquerda e a cabeça dobrar-se e mergulhar para a direita, e pareceu-lhe tão leve e pequeno nas maná-pulas de um homenzarrão como se estivesse cheio de palha, mas sem deixar de apertar a bola contra o peito, mesmo quando as pessoas o agarraram pelo cotovelo e o tornozelo dele bateu no rebordo da plataforma. Sean sentiu Dave estremecer a seu lado, perdido. Olhou para as caras das pessoas que puxavam por Jimmy e o que viu já não era preocupação nem medo, nem a impotência que tinham refletido momentos antes. Viu raiva, caras de monstros, feições distorcidas e selvagens, como se fossem inclinar-se para a frente e arrancar-lhe pedaços do corpo com os dentes, e depois bater-lhe até o matarem.

Içaram Jimmy para a plataforma e seguraram-no, cravando-lhe os dedos nos ombros enquanto procuravam em redor alguém que lhes dissesse o que fazer. O comboio saiu do túnel, e alguém gritou, e depois alguém riu – uma gargalhada aguda que fez Sean pensar em bruxas à volta de um caldeirão –, porque o comboio passou velozmente do outro lado da estação, seguindo para norte, e Jimmy ergueu os olhos para as caras dos que o seguravam, como que a dizer, *Veem?*

Ao lado de Sean, Dave lançou uma gargalhada estridente e vomitou nas próprias mãos.

Sean desviou os olhos e perguntou a si mesmo onde é que encaixava no meio de tudo aquilo.

Nessa noite, o pai de Sean sentou-se com ele na arrecadação das ferramentas, na cave. A arrecadação das ferramentas era um lugar acanhado onde havia tornos negros e latas de café cheias de pregos e de parafusos, rimas de tábuas cuidadosamente empilhadas debaixo da esmocada banca de trabalho que dividia o pequeno espaço ao meio, martelos suspensos de cintos de carpinteiro como armas enfiadas em coldres, uma oscilante serra de fita, suspensa de um gancho. Era ali que o pai de Sean, uma espécie de faz-tudo da vizinhança, construía as suas casas de aves e as prateleiras que punha nas janelas para os vasos de flores da mulher. Fora ali que planeara o alpendre das traseiras, uma coisa que ele e os amigos tinham erguido num verão escaldante, quando Sean tinha cinco anos, e era ali que se refugiava quando queria paz e sossego, e por vezes quando estava zangado, Sean bem o sabia, zangado com Sean, ou com a mulher, ou com o trabalho. As casas de aves – minúsculas *tudors* e coloniais e vitorianas e *chalets* suíços – acabavam amontoadas num canto da cave. Eram tantas que só se vivessem na Amazônia encontrariam aves em quantidade suficiente para ocupá-las todas.

Sean sentou-se no velho banco de bar vermelho e enfiou o dedo dentro do grande torno negro, esgaravatando o óleo e a serradura que se tinham acumulado, até que o pai disse:

– Sean, quantas vezes é preciso dizer-te que não faças isso?

Sean retirou o dedo, limpou a gordura à palma da mão.

O pai juntou meia dúzia de pregos espalhados pela bancada e guardou-os numa lata amarela, de café.

– Eu sei que gostas do Jimmy Marcus, mas, a partir de agora, se os dois quiserem brincar juntos, terá de ser à vista da casa. Da tua, não da dele.

Sean assentiu. Era inútil tentar argumentar com o pai quando ele se punha a falar naquele tom calmo e baixo, cada palavra a sair-lhe da boca como se trouxesse amarrada uma pequena pedra.